

## O CIBERNETA

Antes que haja confusão, este artigo é sobre Torquato Neto, poeta, que se suicidou no ano passado. Let's play that. Letra e música requerem análises diversas mas que, nesta diversidade, não mutilem a unidade da composição. Torquato não era músico. Era letrista. Como tal, seu trabalho está indissolivelmente ligado ao trabalho de músicos. Isto cria um problema que pode, em termos, ser resolvido. De saída, Torquato foi militante do movimento tropicalista, o que já dá uma perspectiva mais abrangente do assunto, graças á importância dada à letra no movimento. Nem a estratégia, nem a tática tropicalista foram exclusivamente musicais. Na estratégia, o movimento se fundamentou em João Gilberto e Oswald de Andrade. Taticamente, pode ser reconhecida a intervenção da poesia concreta. As letras ganharam muita importância pelo fato de o tropicalismo ter sido um movimento crítico: ele tem o mérito de ter colocado, em nossa música, a questão da criação artística no sistema industrial.

Nascido num momento de plena ascensão política da classe média de um país em desenvolvimento onde, ao lado da formação de centros urbanos industriais, persistiam as relíquias do mundo rural, o tropicalismo, ao invés de se resguardar, optou por assumir a "geléia geral brasileira". Assim, rebelou-se contra o procedimento elitista de nossa (vossa) inteligentzia. Fato corrente em rodas elitista é não pensar sobre aquilo que elas julgam de qualidade inferior. Se as letras de Roberto Carlos soarem vulgares aos seus ouvidos, elas aristocraticamente, se recusaram a admitir a existência do fenômeno. A rebeldia tropicalista, "romper o círculo do bom-gosto então vigente", propiciou antes de mais nada a própria formação do movimento. Propiciou a compreensão da Jovem Guarda, o alimento recolhido em Oswald, "a jogada sem maiores grilos nos apavorantes meios de comunicação de massa", o contato frutífero com os poetas concretos.

O esquerdismo da juventude universitária em 68, condenava esta mobilidade do tropicalismo. Para ela, era inconcebível que Caetano Veloso dissesse duas ou três coisas significativas numa entrevista e depois se apresentasse fantasiado no programa do Chacrinha. Torquato Neto, em A Coisa Mais Linda Que Existe, faz uma brincadeira irônica e provocadora: "ficar sem compromisso / pra fazer festa em comício". Entre dar e vender, o tropicalismo escolheu dar umas bananas pro estalinismo que se alastra nas elites jovens. ( As coisas mudaram pouco: grande parte daqueles que, em 68 cuspiam de lado e encerravam a discussão com a fórmula xingamento definitivo de "pequeno-burguês", hoje em dia cospem para cima, abandonando a palavra por um trissílabo: "careta").

Enfim o tropicalismo partiu para uma jornada de massa. Para a busca de uma linguagem que respondesse ao questionamento de seu tempo. Em termos musicais, a abertura para a música jovem (Beatles, Roberto Carlos) e o contato com o grupo paulista de compositores de vanguarda (Duprat, Cozzela, Medaglia ). As letras sofriam o influxo de Oswald e dos concretistas. A linguagem tropicalista é o resultado da interação desses dois fatores.

Torquato Neto era um filho de Oswald de Andrade, esse personagem fundamental da cultura brasileira. Oswald falava da "riqueza dos bailes e das frases feitas". Esta técnica de ready-made lingüístico é marcante no procedimento artístico de Torquato. Já em Nenhuma Dor, uma de suas primeiras letras, encontramos uma citação de Hino Nacional: "minha doce triste namorada/ minha amada idolatrada/ salve salve, nosso amor". Em Marginalia II, ele citara

Gonçalves Dias, num ready-made manipulado: “minha terra tem palmeiras/ onde sopra o vento forte. O próprio Oswald, num de seus poemas, já havia brincado com estes versos de Gonçalves Dias, escrevendo: “minha terra tem palmares...”. Há mesmo o título e o refrão de uma letra de Torquato, que é uma citação, ligeiramente alterada, de salvo engano, Rubem Braga: “ ai de mim, Copacabana”. Jóias da literatura brasileira.

Outro dado a mais na confirmação do parentesco Torquato-Oswald está no fato de ambos lançarem mão de recursos da paródia estilística. Em Oswald, há exemplos de sobras, já exemplarmente estudados por Haroldo de Campos. Em Torquato, encontramos ainda em *Marginália II*: “ eu, brasileiro, confesso...”, que parodia o estilo de ofícios e coisas semelhantes. Mas, neste verso, surge um inesperado “confesso”. A paródia produz em nós, o que a crítica formalista russa chamou de “estranhamento”. Coisas com as quais lidamos diariamente nos são apresentadas fora de seu contexto, desautomatizando nossa percepção.

À época do tropicalismo, reinava entre nós uma música “de protesto” estereotipada, a reclamar incansável e ineficazmente da fome no nordeste. O tropicalismo centrou-se no urbano. E Torquato foi um cronista do cotidiano de nossas classes médias: “pegue uns panos pra lavar/ leia um romance/ veja as contas do mercado/ pague as prestações”. As palavras que ele emprega são “colhidas e recolhidas” no vocabulário coloquial-afetivo da classe média: “aqui o terceiro mundo/ pede a benção / e vai dormir”. Mistura, assim, notícias de jornais e televisão, namoros etc... numa crônica alegre e mordaz. Em *Ai de mim Copacabana*, Torquato fustiga os sonhos de uma classe média deslumbrada com a ampliação do mercado consumidor: “nossos filhos nosso fusca / nossa boutique na augusta / o Ford gálexie / e o medo de não ter / um Ford gálexie”.

As rimas de Torquato acompanham o tratamento parodístico: forte-morte, lua-rua etc. Às vezes, pinta uma rima surpreendente: táxi-gálexie. Assim, repete-se, a nível micro-estético a característica geral de seu trabalho. O desenvolvimento de uma letra de Torquato: ora em máxima redundância resultando no conhecido processo de redundância gerando informação: ora num clima intencionalmente redundante para nos últimos versos nos surpreender. Às vezes a redundância da letra é cortada por um hilariante ready-made lingüístico. Com amor e humor. Mas às vezes, o humor estanca bruscamente num corte de desespero: “ o apartamento, o jornal / o pensamento, a navalha / a sorte que o vento espalha”. Neste três versos que têm a concisão de um *hai-cai japonês*, Torquato nos surpreende. Nos obriga a ver essas coisas de outro modo. Elas são postas em tal ordem e se encaminham para um desfecho tal, que parece que as vemos pela primeira vez. Palavras exatas, numa ordem exata criam um clima para que o terceiro verso brilhe como um relâmpago. Seis substantivos e um verbo: um exemplo a ser contraposto á linguagem flácida e adjetivada da poesia brasileira. O apartamento, o jornal, o pensamento, a navalha: substantivos colocados um após o outro, sem intermediários, numa frase enxuta, límpida. Poesia é síntese, dizia o mestre. Aí está.

Há ainda uma outra característica a detectar no trabalho de Torquato que é o emprego inusitado de certas palavras : “ o poeta desfolha a bandeira”, *Geléia Geral*, é bom falar um pouco desta colagem de resíduos de nossa realidade, em que o tropicalismo se auto-define. Diz Haroldo de Campos: “A colagem- e mesmo a montagem- sempre que trabalhou sobre um conjunto já constituído de utensílios e materiais, inventariando-os ou remanipulando-lhes as

funções primitivas, podem se enquadrar naquele tipo de atividade que Lévi-Strauss define como “bricolage” ( elaboração de conjuntos estruturados não diretamente por meio de outros conjuntos estruturados, mas pela utilização de resíduos e fragmentos ), a qual se é característica de “pensée sauvage”, não deixa de ter muito em comum com a lógica de tipo concreto, combinatório do pensamento poético”. Assim vejamos o Torquato-bricoleur, em Geléia Geral.

Geléia Geral, como Tropicália (Caetano Veloso) é uma letra definidora do tropicalismo. Disse Caetano numa entrevista: “Tropicalismo é uma tentativa de superar o nosso subdesenvolvimento, partindo exatamente do elemento “cafona” de nossa cultura, difundido e fundido ao que houver de mais avançado industrialmente, como as guitarras e as roupas de plástico”. Isto é facilmente verificável até nas roupas que o grupo tropicalista usava: chapéu de couro nordestino na cabeça, tênis nos pés. O problema é que o desenvolvimento econômico atingiu apenas certas regiões do País. Coexistem, no Brasil, o arado e computador. Nas cidades, a classe média cultiva tradições rurais. Numa casa, em Salvador ou no Rio, podemos encontrar uma máquina de lavar roupa e um retratinho emoldurado de Santo Antônio na parede. Torquato, em Geléia Geral, faz um inventário dessa realidade. Compõe de seus fragmentos uma colagem brilhante e reveladora. O tropicalismo seria essa dança em que entram igualmente o iê-iê-iê e o bumba-meu-boi, inserindo-se na “geléia geral brasileira”, para criticá-la. Outra frase de Caetano: “... o inimigo dentro: nós somos essa tensão...” Cito de memória.

E Torquato instiga os que de fora de tropicalismo a entrar na dança, pois “quem não dança, não fala/ assiste a tudo e se cala/ não vê no meio da sala/ as relíquias do Brasil”. E vem, o rol das relíquias.

“ & alguém na geléia geral brasileira tem que exercer as funções de medula e osso” – Torquato parte desta frase de Décio Pignatari. O tropicalismo àquela altura exercia as funções de medula e osso. Outro homenageado é Oswald de Andrade: “ alegria é a prova dos nove”. Nesta letra estão todos os recursos de que Torquato lança mão. O uso surpreendente de certas palavras ( “ eu me sinto melhor colorido”), a paródia estilista (“sol mais lindo, samba mais puro, dentro do estilo ufanista de nossos bosques tem mais vida / nossas vidas mais amores”), etc. O vocabulário tem sempre esse tom de paródia: resplandente, fagueira, a miss linda Brasil PE contente e brejeira, “carnaval de verdade” (semelhante as manchetes de jornal ) “ Salve o lindo pendão dos teus olhos” ( que recorda a citação de Nenhuma Dor) etc.

No meio dessas relíquias há algumas que merecem destaque. Um lugar comum de nossa música: “alguém que chora por mim”, “ o ambíguo “pindorama” país do futuro”, ironiza o clichê “ país do futuro” ao tempo em que é um anti-slogan.

Afinal a frase de Oswald é “alegria é a prova dos nove no matriarcado de pindorama”.

O país do futuro não seria o Brasil ensinado nas escolas, mas o Brasil Pindorama, dos antropófagos da utopia oswaldiana. Há uma frase, “formiplac e céu de anil”, que mostra a eficácia da justaposição direta. Ela diz diretamente o que num estilo discursivo, exigiria muitas palavras. Torquato une bruscamente o clichê “céu de anil”, de hinos e redações ginásiais, e o

“formiplac” dos móveis consumidos em larga escala pela classe média. O fim da letra (“Tropicália, bananas ao vento !”) é uma frase-feita deliciosamente manipulada.

No vale tudo dessa colagem (aparece até a “selva selvagem”) pinta a Carolina. É a “Carolina na janela”, de Chico Buarque que, de longe contempla a folia. A ambigüidade da frase é intencional, Chico Buarque, àquela altura, era uma doce “carolina”, sem entrar na folia. Ele não entendeu o que Torquato mostrava: na sociedade consumidora em que vivemos, há pouca diferença entre a “carolina” e o “formiplac”. Ambas são objetos de consumo. A canção embora tenha surgido antes da industrialização é uma arte-indústria. Um disco implica em todo um sistema comercial. Ele é prensado posto à venda nas lojas, divulgado em rádio e televisão e o grande público o consome como a um desodorante. O poder dos meios de comunicação de massa coloca o artista diante de uma opção: enfim no jogo (para denunciá-lo ou não) ou fazer serenata com os amigos no terraço de casa. Quem se alienar da sociedade consumidora não será ouvido.

Por fim, cabe em Torquato o que Décio Pignatari falou de Oswald. Ele tornava o lugar comum incomum. Em *Let's Play That*, último trabalho de Torquato, permanecem as citações; Drumond manipulador: o “anjo torto” do Poema das Sete Faces vira “um anjo muito louco”. E Sousândrade; “o coro dos contentes do Inferno de Wall Street via sugestão de Augusto de Campos. Assim Torquato se auto-definiu: um anjo muito louco, a desafinar o coro dos contentes. Quanto ao título deste artigo Caetano Veloso me contou que Torquato dizia: “eu quero ser um ciberneta!”.

Sei, ciberneticista. Mas Torquato era um anjo muito louco. Um ciberneta. E nele cabe a frase de Norbert Wiener, o pai da cibernética: vive efetivamente quem vive com a informação certa. Torquato viveu com a informação certa, coisa rara neste País.

ANTONIO RISÉRIO LEITE

03/ Nov. /73.